

# As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

Aryeilla Pereira\*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.  
v13i160-75

**Resumo:** A literatura infantojuvenil possui grande importância no despertar de jovens para a leitura. Entretanto, teria ela o potencial de ser um instrumento para a compreensão do passado? O presente artigo tem por objetivo analisar a obra de Rick Riordan *O último Olimpiano* a fim de comparar a partir dos preceitos do herói homérico da *Ilíada*, seus próprios heróis e Percy Jackson, para assim investigar o potencial da literatura infantojuvenil como um instrumento de compreensão das sociedades antigas. Para a investigação, utilizou-se a Análise de Discurso Francesa, e a História da Recepção a fim de perceber e estudar características e comportamentos que nos mostrem um dos pontos centrais da pesquisa: a aparição dos preceitos que guiavam o guerreiro na Antiguidade e na contemporaneidade. Conclui-se que a releitura feita por Rick Riordan facilita a compreensão contemporânea do guerreiro homérico. A aproximação feita pelo autor não ocorre por coincidência por ser um arquétipo heroico universal, mas é sim fruto de trabalho do mesmo a partir de suas leituras e referências da tradição clássica.

**Palavras-chave:** Literatura Infantojuvenil; Percy Jackson; Antiguidade; Herói; Recepção

\* Graduanda da Universidade Federal do Rio de Janeiro, membra do Laboratório de História Antiga (Lhia). Email para contato: arymoulin@gmail.com

As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve  
comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

**História e Literatura: uma antiga relação que perpetua até hoje**

“Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir” (PESAVENTO, 2006, p. 2). Tanto a História quanto a Literatura são narrativas que explicam e criam sentido sobre o mundo, e sempre se renovam no tempo e no espaço. Entretanto, elas apresentam um traço antigo de conservação entre si: os homens sempre expressaram pela linguagem o mundo visto e não visto através de diferentes formas, como a oralidade, a música e a escrita (PESAVENTO, 2006, p. 2). Reconhecemos, então, que a relação estabelecida entre a História e a Literatura se mostra bem antiga.

A crise do marxismo e do estruturalismo fez com que as certezas, que até o momento eram inabaláveis, da escrita da história se perdessem. A partir desse contexto, a História passa a expandir seu campo de conhecimento, fazendo uma aproximação multidisciplinar com diversas disciplinas, entre elas a literatura (SANTOS, 2007, p. 118). Dialogando em termos historiográficos, as crises que ocorreram fizeram com que nascesse uma incapacidade de se escrever uma História total, como era proposto por Braudel. Esses acontecimentos abriram, então, um espaço para que assim acontecesse um investimento no estudo da cultura (RODEGHERO, 2009, p. 2).

Visualizar a Literatura como um documento para a pesquisa histórica é uma questão que já vem sendo discutida. Como abordado por Bruna Moraes da Silva (2019, p. 37), quando a História nasce como uma disciplina no século XIX, a documentação oficial era vista como a única e verdadeira fonte do saber histórico, enquanto a Literatura era colocada em segundo plano, sendo vista apenas como uma mera invenção. Entretanto, nos dias atuais podemos observar com “nossos olhos” que a Literatura pode facilitar em muito o contato com culturas, períodos, universos

que nós historiadores temos contato. As obras literárias têm a posse de historicidades que devem ser ponderadas para se entender o texto e o que vem além do texto (SILVA, 2019, p. 38).

Devido a isso, queremos observar, aqui, o potencial da Literatura infantojuvenil como um instrumento de compreensão do passado, em específico o das sociedades antigas. Para isso, propomos um diálogo entre uma Literatura contemporânea e uma Literatura grega. Entretanto, é necessário fazer ressalvas antes sobre esta. Dialogando ainda com a Bruna Moraes da Silva:

Falar de literatura na Antiguidade grega pode se tornar um tema de debates entre estudiosos. Isso porque, além das obras produzidas nesse contexto não terem sido assim concebidas em seu momento de criação, não há um consenso, até mesmo atualmente, acerca do que seja um texto literário (SILVA, 2019, p. 36)

Ao dialogar sobre o potencial da Literatura, nosso interesse se encontra na habilidade comunicativa de contar histórias, transmitir saberes, criar sentido sobre o mundo e observar que a aproximação feita entre a tradição literária antiga e a literatura contemporânea não visa o estabelecimento de uma origem casual, mas tem a intenção de criar uma reflexão crítica sobre como ambas acabam desempenhando um papel educativo em seus contextos e um ideal de herói. Para isso, temos como metodologia a Análise de Discurso francesa, principalmente a partir das ideias de Maingueneau, utilizando-a a fim de analisar e perceber características e comportamentos que nos mostrem um dos pontos centrais dessa pesquisa: a aparição dos preceitos que guiavam o guerreiro na Antiguidade e na contemporaneidade. Ademais, propomos com essa mostrar o potencial da literatura infantojuvenil como um instrumento para compreender a Antiguidade grega. Para evidenciar tal potencial, propomos uma breve comparação entre Percy Jackson, protagonista da obra *Percy Jackson e os Olimpianos*, criado por pelo autor norte

## As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

americano Rick Riordan, e os guerreiros da *Ilíada*, cujas histórias são cantadas por Homero. Utilizaremos como base para nos orientar, os preceitos que guiavam o herói homérico, mas também dialogaremos de forma breve sobre a *recepção*, mais especificamente, a releitura que Riordan faz da Antiguidade Grega. Operacionalizamos, então, duas documentações: uma contemporânea, que foi publicada originalmente em 2009, e outra da Antiguidade grega, cuja possível criação ocorreu por volta do século VIII a.C.

Rick Riordan começou a criar a história de Percy Jackson sem muita pretensão. Seu filho pediu para que ele lhe contasse histórias sobre deuses gregos e heróis. Como foi professor de mitologia por um tempo, tinha um grande repertório para contar a ele. Quando seu repertório se finalizou, ele criou algo novo, com os mesmos personagens, a pedido também de seu filho<sup>1</sup>. De acordo com Joanna Paul (2017), os livros de Riordan se enquadram entre as novas concepções de mitologia clássica, representando uma tentativa de sustentar e revitalizar a mitografia; o autor, mesmo criando um novo cenário, consegue manter as essências das divindades e heróis mitológicos.

A história do herói Percy Jackson conquistou os corações e mentes infantojuvenis não apenas nos livros, mas também nas telas dos cinemas, com dois filmes sobre a saga lançados em 2010 e 2013. Tanto na literatura, como nos filmes, é abordado de forma bem-humorada as aventuras enfrentadas por um jovem meio-sangue, também chamado de semideus<sup>2</sup>, que acaba de descobrir sua verdadeira identidade e se encontra em um novo universo, repleto de mitologia,

---

<sup>1</sup> Em uma entrevista para a Folha de São Paulo e 2010, Riordan aborda como ocorreu a ideia da série Percy Jackson. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0908201019.htm>. Acesso em: 24 de set.de 2021.

<sup>2</sup> Metade humano, metade deus; aqueles que são filhos de um humano com um deus.

deuses e monstros. O primeiro livro da saga de Percy Jackson foi lançado nos EUA em 2005, entretanto, para esse breve artigo, iremos trabalhar apenas com o quinto e último livro da série, intitulado *O Último Olimpiano*, que foi publicado em 2009. A escolha do último livro como documento de comparação ocorreu devido à percepção da consolidação de Percy como um herói, e ainda mais, sob a perspectiva da presente pesquisa, como um herói homérico, segundo os preceitos que guiam um guerreiro.

Nossa segunda documentação é a *Ilíada*, obra poética de gênero épico, que tem como tema central a ira do herói Aquiles e suas consequências. O poema descreve, também, os eventos da tomada de Tróia, além de abordar outros momentos memoráveis como o Catálogo das Naus e o sequestro de Helena (NAGY, 2017, p.36). A épica também prevê, ao longo de seus cantos, a morte de Aquiles. A narrativa é atribuída à figura do célebre *aedo* Homero. Existem diversas questões acerca da “verdadeira” época em que a *Ilíada* - e também a *Odisseia* - foram publicadas. Tais questões são encontradas na chamada “Questão Homérica”. Embora seja difícil estabelecer uma data precisa para a cristalização dos poemas homéricos, a convenção historiográfica, a qual optamos por seguir, coloca sua composição datada por volta do século VIII a.C., período mais aceito pelos homeristas da atualidade, pois, os temas que são vinculados à idade heroica presentes nos épicos são igualmente representados nos vasos áticos dos 770-700 a.C., dando assim mais ênfase para hipóteses de leitura no período a respeito da mesma idade (CORVISIER, 1996, p. 11). Além disso, os poemas de Homero já teriam sido escritos neste século, levando em consideração a invenção do alfabeto helênico. Eles seriam a expressão de um ponto de vista aristocrático que se encontrava em colapso com as mudanças estruturais que caracterizavam o século VIII a.C. (MORRIS, 2003, p. 23;45)

## As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

Analisaremos, assim, a figura de heróis, a partir das obras de Homero e Riordan. Ambos os autores apresentam um vínculo interessante entre seus personagens principais, assim como Percy Jackson é um meio-sangue, Aquiles apresenta a mesma característica. Apresentar um meio-sangue ao longo de sua narrativa é apenas uma das características que podem ser encontradas entre obras dos autores escolhidos. Ademais, ambos autores apresentam outros vínculos entre si: na *Ilíada*, desde o início o heroísmo e a morte estão ligados em um vínculo concreto e misterioso (CLARKE, 2004, p. 75). Com as histórias de Riordan, ocorre o mesmo. Seus heróis estão sempre a caminhos de grandes e perigosas odisséias, nas quais podem voltar como grandes heróis ou morrer na tentativa. A releitura feita por Riordan nos mostra grandes semelhanças, não só entre os nossos heróis, mas também em relação aos mitos da Antiguidade Grega.

### **A capacidade de reescrever o passado: História da *Recepção***

O universo criado por Rick Riordan nos concede a possibilidade de ter um novo contato com personagens e mitos da Grécia Antiga. O autor traz uma nova interpretação desse período, nos apresentando novos personagens e a relação desses com aqueles que já existem no passado mitológico grego. Riordan faz uma leitura do passado no presente, trazendo uma nova visão e adaptando histórias já conhecidas para a mente juvenil. Dentro da História, nasceu recentemente um campo que dialoga sobre a adaptação de textos da antiguidade para o presente, sobre a reformulação do passado para ser colocado em uma nova realidade, chamado *História da Recepção*.

Como abordado pelo professor Anderson Zalewski Vargas, em uma entrevista para o dossiê da *Revista Heródoto* sobre as recepções da história, esse assunto

ganhou atenção dos historiadores brasileiros recentemente, sendo ainda um campo incerto, não completamente consolidado, sendo entendido no momento como uma teoria. Entretanto, é possível encontrar a sua gênese. *A História da Recepção* teria o seu começo, então, por volta do final dos anos 90, com a obra de Charles Martindale que, como abordado pelo próprio, seria uma alternativa historicizante da *Estética da Recepção*, criada por Hans Robert Jauss, nos anos 60 (VARGAS, 2019, p. 8). Entretanto, o que seria *recepção*? De acordo com o trabalho de Lorna Hardwick e Christopher Stray, “Por ‘recepções’ entendemos a maneira em que o material grego e romano foi transmitido, traduzido, fragmentado, interpretado, reescrito, repensado e representado” (HARDWICK, STRAY, 2008, p.1).

Pensando por essa definição juntamente com a questão abordada por Vargas em seu texto, “podemos ainda nos perguntar sobre como ela reformulou a visão do passado, instaurando uma nova realidade” (VARGAS, 2019, p. 11). Podemos dialogar diretamente sobre a reformulação feita por Riordan. Esse nos apresenta uma reformulação da antiguidade grega, fazendo uma releitura e a colocando em uma nova realidade, criando assim um novo universo fantasioso: a antiguidade está viva no século XXI, os deuses do Olimpo ainda existem, o próprio Olimpo se encontra em Nova York. Como abordado no próprio livro, a chama que, primeiramente, se acendeu na Grécia, depois em Roma, agora se encontra nos Estados Unidos (RIORDAN, 2014, p. 80-81). Refletindo sobre *Percy Jackson e os Olimpianos* a partir da teoria da recepção, e levando conosco as definições abordadas anteriormente, conseguimos compreender e questionar a releitura feita por Riordan.

O motivo de Riordan ter começado a criação de Percy Jackson não foi pensando, em primeiro momento, em como abordar mitologia com seus alunos de uma forma que tornasse o ensinamento mais fácil, foi algo muito mais pessoal.

## As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

Entretanto, não podemos negar a influência que essa releitura possa ter tido na vida de jovens, de acordo com o próprio autor. No lugar de transportar as crianças para um passado clássico distante, o autor faz com que a antiguidade passe por uma releitura, fazendo com que as crianças se sintam inclusas dentro desse universo de mitos, com isso, seu potencial didático pode ser fortalecido (PAUL, 2017). Entender a História Antiga não é uma tarefa fácil, entretanto, a releitura de Riordan pode ter facilitado muito o aprendizado de diversos jovens. Sendo assim, levando em consideração todos os pontos vistos acima sobre a *recepção*, podemos passar a observar mais atentamente a releitura do herói homérico feito por Riordan, mais especificamente a sua interpretação dos preceitos dos heróis de Homero e como esses aparecem em Percy.

### ***Ilíada* e *O Último Olimpiano*: seus heróis unidos por um código de conduta**

Ser corajoso, habilidoso no campo de batalha, ter destreza, não fugir do combate, buscar alcançar a honra e a glória, são características que esperamos encontrar nos heróis. Tais características estão presentes no código de conduta do guerreiro, e são mencionadas na tese de Bruna Moraes da Silva, a qual utilizaremos como principal referencial<sup>3</sup>. Em sua tese, Silva analisa diversos casos heróicos, onde encontramos presentes os guerreiros homéricos.

É inegável que umas das maiores semelhanças entre os nossos heróis é o próprio heroísmo. São trajetórias belas onde também se enfrentam grandes dificuldades. Ainda assim, por mais que apresentem semelhanças, os heróis são de história distintas, de duas épocas e gerações opostas, de onde podemos tirar diversas

---

<sup>3</sup> Esta pesquisa está em sua fase inicial, portanto, estaremos nos baseando exclusivamente na tese de Bruna Moraes.

questões culturais, sociais, filosóficas e ontológicas do ser humano. Tanto Percy quanto os heróis homéricos são personagens de obras que irão apresentar uma leitura e interpretação do ser humano. Os nossos heróis, mesmo em épocas distintas, apresentam a possibilidade de criar leitores (SILVA; SANTOS, 2018, p. 28) como mais uma de suas semelhanças. Tanto a *Ilíada* como *O Último Olimpiano*, “nos mostram como a leitura é algo belo, poético, vivo e está para além de prisões, pois a leitura é rebelde e vadia” (CHARTIER, 1998, p. 7). Torna-se possível perceber, então, que temos a possibilidade de encontrar diversas semelhanças entre os nossos heróis, mas partiremos agora para tentar encontrar o que viemos buscar aqui: a aparição dos preceitos que guiam a conduta do guerreiro homérico em nosso herói contemporâneo.

Partiremos da mesma ordem de Bruna Moraes da Silva, em sua tese (2019). Destacamos aqui como primeiro preceito a *timé* do guerreiro. Essa é traduzida por honra e status, sendo demonstrada pelo guerreiro dentro do campo de batalha. Seria entendida como “o valor da pessoa frente aos próprios olhos e aos olhos dos outros” (SILVA, 2019, p. 128). Escolhemos para representar esse preceito o herói Aquiles, conhecido como o maior dos aqueus a receber honras, podendo ser comparado com um deus. Um dos momentos de *timé* presentes na *Ilíada* ocorre com Aquiles, quando é falado para o mesmo que os aqueus o honrarão, sendo assim, o maior dos Aqueus a receber honras (*Ilíada* IX, vv. 302-3). Ademais, temos como momento da honra sendo vista pelo olhar de outros, quando ele devolve o corpo de seu rival Heitor (*Ilíada* XXIV, vv. 110-111).

Em Percy Jackson, podemos encontrar o seu momento de *timé* quando ele, e outros meio-sangues, após o fim da última batalha com Cronos, passam a receber honrarias e recompensas dos deuses pelos seus feitos no campo de batalha (*O Último*

As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

*Olimpiano*, p. 352-356). A honra do guerreiro será demonstrada principalmente dentro do campo de batalha, através de sua liderança, habilidades bélicas e até mesmo do seu poder de fala (SILVA, 2019, p. 128). Durante toda a última batalha, que cerca quase todo livro, Percy demonstra grande liderança, tentando administrar da melhor maneira possível todas as frentes de batalha contra o exército de Cronos em diversos lugares de Manhattan.

Outro preceito encontrado no herói homérico é o *aidós*, que pode ser traduzido como 'vergonha' e refere-se ao medo da desaprovação ou da condenação pelos outros, o que faz um homem permanecer e lutar bravamente (SILVA, 2019, p. 130). Esse conceito pode ser compreendido de duas maneiras: (1) no âmbito militar, como observado nos discursos dos heróis que ocupam posições de liderança; (2) no âmbito civil, como vergonha diante da sociedade e da opinião pública. Considerando essa dualidade, na *Ilíada*, abordaremos o *aidós* no contexto militar com Eneias. Dentro da épica homérica, podemos encontrar o *aidós* nas falas e expressões dos líderes, como observado quando ele repreendem Heitor e os troianos aliados, questionando e desaprovando o fato de terem sido empurrados pelos Aqueus para Ílion e subjugados pela covardia (*Ilíada* XVII, vv. 334-7) (SILVA, 2019, p. 132).

Em *O Último Olimpiano*, após descobrir a sua verdadeira profecia, Percy se encontra nervoso e preocupado, pois acha que irá morrer ao fim da mesma: "Um meio-sangue, dos deuses antigos filho; Chegará aos dezesseis apesar de empecilhos; Num sono sem fim o mundo estará; E a alma do herói, a lâmina maldita ceifará; Uma escolha seus dias deve encerrar: O Olimpo preservar ou arrasar." (*O Último Olimpiano*, p. 58). Durante esse momento, sua companheira de acampamento e melhor amiga, Annabeth, o chama de covarde (*O Último Olimpiano*, p. 78-79), pois sabia que após ele

descobrir toda a verdade, ele sentirá medo. Nesse momento, Percy sente vergonha, trazendo assim a segunda maneira de se encontrar o *aidós*. Esse preceito seria a mais potente força moral que o homem homérico conhece (DODDS, 2002, p. 26), sendo assim, após escutar isso de sua amiga, seria como se Percy fosse exortado a sentir coragem para enfrentar sua profecia e descobrir seu possível fim, se tornando ainda mais parecido com um herói homérico.

Mais um preceito que encontramos no guerreiro era a *areté*, traduzido por força, habilidade, coragem, rapidez, sabedoria, destreza e poder de persuasão (SILVA, 2019, p. 135). Acompanhamos o raciocínio de Silva quando essa aborda um momento de *aristeía*, que significaria então “ser ou tentar ser o melhor e mais bravo em batalha, demonstrando uma série de proezas e adquirindo, por vezes, uma força sobre-humana, que acaba por aniquilar tudo a sua frente” (SILVA, 2019, p. 135). O maior exemplo de *aristeía* durante a *Ilíada* se encontra desde o Canto XVIII, quando Aquiles descobre a morte de seu companheiro, Pátroclo, e se estende até o momento da morte de seu rival Heitor.

Percy demonstra seu momento de *areté*, durante a batalha final de *O último olimpiano*, (*O Último Olimpiano*, p. 332-339). Enquanto luta contra Cronos que está “se hospedando” dentro do corpo do meio-sangue Luke, Percy, além de demonstrar grande proeza na luta, também demonstra grande sabedoria. Em determinado momento da batalha, Luke consegue ter poder novamente de seu corpo, mas o mesmo só consegue ter esse momento de lucidez, devido à sabedoria de Percy, que começa a se comunicar com seu amigo, como se soubesse que o mesmo pudesse ouvi-lo mesmo tendo se tornado um receptáculo. Após conseguir dominar seu próprio corpo, Luke pede para Percy sua faca, pois apenas ele saberia o ponto fraco do seu corpo para se matar e matar o Titã.

## As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

Outro preceito, que pode até mesmo ser confundido com a *areté*, é a *andreía*, (SILVA, 2019, p.136), normalmente traduzida como coragem e força. Ela também pode apresentar outros nomes, como *alké/thársos/ēnorén*, e estava ligada à capacidade do guerreiro de “superar o medo a fim de alcançar uma meta pré-concebida” (BALOT, 2004, p. 407). Trazemos então uma fala de Agamêmnon, que estimula e encoraja seus companheiros a “serem homens” e preparar os seus corações (*Ilíada*, V, vv. 529-532), demonstrando “ardor (*áلكimon*) combativo” (SILVA, 2019, p. 138).

Durante *O Último Olimpiano*, um dos maiores momentos de *andreía*, de Percy, é quando o mesmo mergulha no Rio Estige (*O Último Olimpiano* p. 136-140), conquistando, assim, sua quase imortalidade, mas também enfrentando seu “calcanhar de Aquiles” para que pudesse se tornar forte o suficiente para lutar contra Cronos. Antes do seu mergulho, o medo acompanhou Percy, medo de não estar preparado para mergulhar, caso contrário o rio o destruiria, queimando corpo e alma. Ao longo da passagem, Percy se encontra com a Aquiles e este diz para que ele não seguisse seus passos, assim como disse para Luke que mergulhou no rio para que seu corpo se tornasse forte o suficiente para ser um receptáculo para Cronos. Mesmo com as falas de Aquiles, Percy se mostra irreduzível demonstrando coragem e força para superar seu medo e alcançar sua meta pré-concebida: derrotar Cronos.

Portanto, quando o herói é dotado de honra, habilidade, coragem, força e sabedoria, ele é levado a alcançar um único fim, a sua glória. Os preceitos relacionados ao alcance da glória são *kléos* e *kûdos*, “dependeria não apenas da performance do guerreiro, mas também na excelência daquele que está sendo combatido” (SILVA, 2019, p. 143). A *kléos* seria então concebida pelos deuses e alcançada pelo próprio guerreiro devido às suas ações ou de todo o grupo do qual ele

faz parte (SILVA, 2019, p, 143), enquanto *kûdos*, “diz respeito à glória que vingará na memória social. Ele seria alcançado estritamente pelo próprio indivíduo e não poderia ser cedido a outra pessoa” (SILVA, 2019, p, 144). Sendo assim, o guerreiro Aquiles se mostra um bom exemplo para os últimos preceitos: o mesmo não é somente rememorado pela sua bela morte, vivendo assim imortalmente dentro do seio da épica homérica, mas também o ato de matar o seu rival Heitor (*Ilíada*, XXII, v. 361) pode ser destacado como uma de suas maiores façanhas e uma grande conduta de bravura dentro da épica, garantindo assim que sua glória fosse eterna (SILVA, 2019, p, 151).

Já nosso herói contemporâneo não é apenas lembrado por ter salvado o Olimpo, mas também por todas as suas batalhas ganhas, que podem ser vistas ao longo de todos os cinco livros da saga. Em todas as suas missões, Percy volta como um herói vitorioso, fazendo com que se mostre merecedor da glória. Mesmo voltando vitorioso de diversas batalhas, o momento glorioso de Percy ocorre quando o mesmo salva o Olimpo, e não foi apenas uma batalha para isso. Percy demonstra sabedoria em perceber que os olímpianos podem estar sendo enganados, mas igualmente atesta sua coragem quando enfrenta todos os seus medos para mergulhar no Estige para que assim se tornasse forte o suficiente para vencer. Seu momento de *kléos* ocorre quando Zeus decide lhe oferecer a imortalidade devido aos seus feitos, e seu momento de *kûdos* ocorre quando Percy salva o Olimpo e a humanidade de uma guerra mortal.

Diferentemente de Aquiles, Percy não terá uma imortalidade dentro de uma épica homérica, onde o mesmo poderia ser lembrado para sempre quando a poesia fosse cantada, mas terá sua imortalidade conquistada dentro da mente infantojuvenil, onde nunca será esquecido como aquele herói jovem que teve a

## As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

capacidade de apresentar e ensinar para diversas idades, sobre a Antiguidade e Mitologia Grega, através de odisseias e batalhas enfrentadas por aquele que ficou conhecido ao final da série de livros como o Herói do Olimpo.

### Considerações Finais

O universo da literatura fantástica de *Percy Jackson e Os Olimpianos*, criado por Rick Riordan, nos possibilita ter um novo contato com personagens e mitos da Grécia Antiga. O autor faz uma nova interpretação da Antiguidade e, em sua obra, nos apresenta novos personagens que se relacionam com aquelas figuras tradicionais da mitologia e da história. O autor faz uma releitura do passado antigo no presente, adaptando histórias já conhecidas para o público infanto-juvenil em novas narrativas, tornando assim o ensino facilitado devido às pontes didáticas que o próprio faz com a Antiguidade.

A partir da breve comparação presente neste artigo, concluímos que: (1) a releitura feita por Riordan facilita a compreensão contemporânea do guerreiro homérico, visto que os preceitos que guiavam o herói homérico são também encontrados em Percy Jackson; (2) a existência de um potencial didático no uso da literatura infantojuvenil enquanto instrumento facilitador da compreensão do passado; (3) a aproximação feita por Rick Riordan não ocorre por uma mera coincidência por conta de ser um arquétipo heroico Universal, mas ser, sim, fruto de um trabalho intencional do autor a partir de leituras e referências a obras da tradição clássica.

## Referências bibliográficas

### Documentação:

HOMERO. **Ilíada**. Trad. Frederico Lourenço. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013. v. 1.

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os Olimpianos: O último olimpiano**. Trad. de Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

### Bibliografia:

BALOT, R. K. Courage in the democratic polis. **Classical quarterly**. Cambridge: Cambridge University Press, v. 54, n. 2, p. 406-423, 2004.

BITTENCOURT, Renato N. A conduta dos heróis na épica de Homero. **Espaço Acadêmico**, Maringá, n. 103, p. 114-123, 2009

CLARKE, Michael. Manhood and Heroism. *In*: FOWLER, R. (Org.). **The Cambridge Companion to Homer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. p. 71-90.

CORVISIER, J-N. **Les Grecs à L'époque Archaïque** (milieu du IXe siècle à 478 av. J.C.). Paris: Ellipses, 1996.

HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher. **A Companion to Classical Receptions**. Nova Jersey: Wiley-Blackwell, 2010, v.1.

PAULL, Joanna. The Half-Blood Hero: Percy Jackson and Mythmaking in the Twenty-First Century. *In*: ZAJKO, Vanda; HOYLE, Helena (Org.). **A Handbook to the Reception of Classical Mythology**. Malden: Wiley, 2017, p. 321-242.

MORRIS, I. **Burial and ancient society: the rise of the Greek city-state**. Cambridge: The Cambridge University Press, 2003.

NAGY, Gregory. **O Herói Épico**. Trad. de Félix Jácome Neto, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

PESAVENTO, S. J. **História & Literatura: uma velha-nova história**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos [En ligne], Débats, 2006.

RODEGHERO, Carla Simone. Sandra Pesavento e Grande Pergunta. **Fênix-Revista de História e Estudos Culturais**, v.6, n. 3, Julho/ Agosto/ Setembro de 2009.

As releituras do Herói Homérico na literatura infantojuvenil: uma breve  
comparação entre a *Ilíada* e *O Último Olimpiano*

RIORDAN, Rick. **Percy Jackson e os Olimpianos**: o ladrão de raios. Trad. de Ricardo Goveia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

SILVA, Adriely Cristina D., SANTOS, Diogo R. R.. O heroísmo épico e as leituras das contemporaneidade: um diálogo entre Aquiles e Percy Jackson, em Homero e Rick Riordan - pensando na formação de leitores. **Ibanceira**, Pará, v.12, p. 121-133, 2018.

SILVA, Bruna Moraes da. **Do herói ao cidadão**: uma análise comparada das representações sociais do guerreiro entre Homero, Eurípedes e Tucídides (séculos VIII e V a.C.). Tese (Doutorado em História Comparada)- Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019

VARGAS, Anderson Zalewski. As recepções e as conformações de passado e presente. **Heródoto**, Guarulhos, v. 4, n. 2, p. 07-17, 2019.2.

**Webgrafia:**

FIBE, Cristiane. Vivemos uma renascença da literatura feita para crianças: autor de “Percy Jackson e os olimpianos”, cujo último livro da saga chega amanhã às livrarias, diz que Harry Potter renovou o gênero. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0908201019.htm>. Acesso em: 24 set. 2021.